

António Lúcio e Silva Soares

Título

MacAmor

Texto:

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.
- Boa noite. Uma promoção tartes de maçã, por favor.
- Uma promoção tartes de maçã. Vai desejar mais alguma coisa?
- Não, obrigado.
- Então é um euro, paga na próxima janela. Obrigada.
- Obrigado.

Pousou o cotovelo no plástico que antecede o vidro da porta do carro, subiuligeiramente o volume ao rádio, trauteou a música que tocava, e aguardou que o veículo da frente avançasse. Fim de mais um dia de trabalho que se alongou e atropelou a hora de jantar, que via almejado descanso em casa, à distância de uma derradeira espera pelas tartes. Incrível como uma cidade tão pequena alberga tanta gente sem tempo, que até para jantar procura rapidez, terá pensado. Não era o seu caso. A promoção de duas tartes de maçã pelo preço de uma seria capricho prático: uma para dar sustento ao estômago até ao jantar; outra, a sobremesa com que finalizaria as carnes grelhadas acompanhadas de *Super Bock Stout*, que naquela noite quente de Verão seriam calmo repasto no logradouro da sua moradia.

Finalmente, os carros avançaram e alcançou a janela do pagamento.

- Boa noite. Um euro, por favor. – voz suave vinda da cabine.

Procurava livrar-se do maior número de moedas pequenas, por isso retribuiu o cumprimento sem colocar os olhos na interlocutora, esgravatando toda a atenção para a carteira. Pediu um momento, por favor. Segundos depois, com um euro em moedas de pequeno valor na mão, deu atenção à empregada de microfone e auricular que já atendia outro cliente pelo intercomunicador. Foi então que, como já devem adivinhar, o seu coração abrandou, arrastando consigo o tempo, e se fez silêncio para o ouvir: os batimentos cada vez mais espaçados, o crescente som de sangue a circular das artérias aos capilares. Privou os outros sentidos para aumentar a atenção das íris.

Aqui se descreve de cima para baixo, como um ilusionista que desvenda com aro metálico circundado a pano preto a bela assistente aparecida por artes mágicas no tampo da arca onde se escondia fechada a sete chaves entre outras tantas correntes, a imagem que espelhou na retina do nosso condutor: rosto redondo; tez clara, rosada; o cabelo preso num carrapito na parte de trás da cabeça - zona do osso interparietal, para quem procura a exatidão anatómica -, desenhando um risco perfeito do centro da testa ao tufo capilar, o conjunto envolvido por uma rede que confere higiene na restauração. Assemelhava-se à *Dama com Arminho*, comparação que o nosso herói só não fez porque nada se interessa por arte e de Da Vinci só conhece o nome. Herói... ou vilão!, mas não façamos julgamentos antecipados sem que a história nos dê elementos concretos. E mesmo então, cada um julgue por si, que é assim mais justo que alguns julgarem por outros

tantos que lhes seguem as sentenças.

Continuando a descrição: os olhos grandes e redondos, castanho-mogno, pareciam capazes de trespassar a epiderme. Nariz curto, arredondado, nem feio nem bonito, sim o indicado para se sobrepor aos lábios carnudos e bem definidos, de contorno certamente traçado pela mesma mão que desenhou os olhos. Orelhas pequenas, delicadas, ligeiramente afastadas da cabeça a mostrarem-se boas ouvintes, exibiam uma pérola discreta. O pescoço curto, conduzia-nos ao tronco voluptuoso onde sobressaiam os seios de tamanho médio, encaixe perfeito para mão em côncavo, firmes, a afastar a camisola do corpo como se quisessem chamar toda a atenção para si. Por esta vez conseguiram, que bem vi os olhos do condutor firmarem-se neles, nos intervalos em que deles descolei os meus. Daí até aos pés só a sugestiva imaginação de cada um, porquanto todo o corpo estava escondido pela parede do cubículo, mas, *assim'com'ássim*, pela lei das proporções a que o olho humano está habituado, a altura devia orçar 1,60m.

- Boa noite. - respondeu por fim o nosso recém apaixonado.

Silêncio. Uma operação mecanizada de dedo no ecrã e uma resposta seca e simpática:

- O seu talão. Obrigado e boa noite.

Não avançou logo porque o carro da frente não se moveu. Ainda teve tempo para lhe lançar dois ou três olhares, sem coragem para mais. Seguiu para a janela de entrega do pedido onde uma mão segurava o saco de papel com as tartes. Penitenciava-se pela cobardia, por não ser capaz de uma tirada de fazer suspirar o *M* amarelo garrafal que testemunhava a cena.

Deslocava-se para a saída quando, num daqueles momentos em que a explicação para o que se pensou é mais longa e complexa que o sentido que se encontrou em tal pensamento, decidiu dar nova volta ao *Drive*.

Sobejam os que afirmam o amor como um amputado de visão e hierarquizam por densidade as palavras: atracção, paixão, amor. Talvez esses, neste caso concreto, repudiem tratar-se de amor à primeira vista, porque se tem olhos não é amor mas outra coisa menos grave. Mas a este que acompanhamos, e que sente o latejar do coração desviar o sangue das pernas trémulas para o estômago e garganta, tais desígnios e preciosismos são ignorados e não diminuem a certeza que aquilo que sente é já amor.

Pensava na abordagem mais eficaz. Como fazer conversa sem cair em desgraça? Desligou o rádio, porque parecia confundir-lhe os pensamentos. Ouvia-se a si mesmo como se estivesse deitado numa banheira, cabeça imersa em água quente, e o eco da sua voz retido e ampliado no líquido, mas o pensamento misturava-se com o som das colunas e por isso silenciou o que menos útil se lhe apresentava.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite. - agora, a voz saída daquela boca electrónica soava celestial, como se o acordasse do estado letárgico com uma melopeia de três palavras cantadas. Oh!, como tudo é etéreo aos olhos dos encantados, observei no meu silêncio invisível!

- Boa noite. Um hambúrguer, por favor.

- Um hambúrguer. Vai desejar mais alguma coisa?

- Não, obrigado.
- Um euro, paga na próxima janela. Obrigada.
- Até já, obrigado.

Agora, que desejava tempo para pensar, os carros pareciam avançar depressa demais.

- Que raio de cidade, sempre com pressa! Pensa, pensa, pensa, Luís. Que tem os olhos bonitos? Não, isso é banal, não pega. Que a conheço de algum lado? Sim, pode ser, embora pareça demasiado óbvio. Ela pergunta-me de onde e eu digo que talvez do ginásio, mostro que me preocupo em manter a boa forma física e a saúde. E depois venho ao *MacDonalds* estragar-me? Faço essa piada. Não!, do ginásio não. Demasiado vulgar. Agora todos frequentam os ginásios e o *Crossfit*, e rais'part'amfit. Digo que talvez da biblioteca. Porra, e o que sei eu de livros e bibliotecas?

Foi ausente neste solilóquio que queria pensado e foi falado, por isso o ouvi e o estão a ler, que o nosso Don Juan, agora já sabemos Don Luís, cognome *O de Escassa Coragem*, chegou ao parapeito da janela de sua amada, a tal janela seguinte, a do pagamento.

- Boa noite. Um euro, por favor.
- Boa noite. Um euro?
- Sim. Um hambúrguer é um euro.
- Aqui está. Um euro. Um euro é um euro. – piada falhada.
- Obrigada. – e o mesmo movimento mecanizado no ecrã, e a mesma entrega de talão, e o mesmo mutismo que põe um fim aos diálogos atabalhoados dos que insistem criar um guião para as situações em que o improvisado é a arte mais aconselhada.

Dois carros distanciavam o nosso condutor da desistência da saída, mas um atraso condicionava a fila e, por isso, ficou uns minutos parado ali mesmo, frente à janela que só não era de um castelo porque se encontrava num restaurante que tem um palhaço como mascote.

- Está quentinha, a noite. – arrisca a medo o nosso romântico - Merda, merda, que conversa da treta! – pensa enquanto fala.
- Sim, está. - responde a Julieta desta historieta que, como se poderá reparar, nunca revelará o seu nome, pelo que se toma a liberdade de agudizar o romance citando um nome eternizado por Shakespeare.
- Gosta de trabalhar aqui?
- Foi o que se arranjou.
- Com uma cara assim podia ganhar a vida a ser fotografada... – ui!, com um fio de azeite não teria ficado mais bem regado o belo prato que nos saiu este Luís, agora a forçar o atrevimento. E não fosse do outro lado da janela um sorriso e um ajeitar de cabelo por cima da orelha, e nem a tampa de esgoto que via no alcatrão teria profundidade para se esconder de tal arrojo. Sorrir, desviar o olhar e mexer no cabelo são sinais universais de aprovação e demonstração de interesse, como bem sabemos. Pelo menos sabe quem lê as revistas da especialidade, que costumam pousar nos cestos dos cabeleireiros, dentistas, esteticistas, e outras salas de espera.
- É o seu primeiro trabalho? - nova insistência a aproveitar a sorte.
- Sim, é. - resposta seguida de um sorriso.

- Metem-se muitas vezes consigo, os rapazes que aqui passam? - fazer render a atenção da moça, que quem aproveita não desperdiça.
- Não, nunca acontece.
- Então andam todos distraídos.

Um sorriso a mostrar mais dentes que o anterior foi resposta muda aos ouvidos, sonora ao fulgor deste rapaz a ganhar asas.
A fila avançou, ele avançou com ela.

- Até já. - disse Don Luís.

- Até já? - pergunta retórica de resposta mais que adivinhada.

Agarrou o saco com o hambúrguer e zarpou para o intercomunicador mais uma vez. Veio-lhe à cabeça uma expressão comum, que alterou e, satisfeito com o resultado, não resistiu a enunciar em voz alta:

- Mais uma moeda, mais uma volta, cobarde não paga, mas também não anda.

Os ventos favoráveis enfunavam agora o leque deste pavão vaidoso, até à pouco um cachorrinho de rabo entre as pernas. E quantas vezes não basta um encorajamento para uma vontade se tornar objectivo e um receio se revelar iniciativa?

De felicidade agarrada às amígdalas, comissuras da boca coladas às orelhas, abanava o pescoço como aqueles bonecos cabeçudos que se colam aos *tabeliers* dos carros, ou como um canito que agora abana a cauda porque vê o dono.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.
- Olá outra vez.
- Olá outra vez. O que vai ser?
- Já tenho tartes, um hambúrguer... O que é que me aconselhas?
- O que é que vai querer?
- Uma *Coca Cola*.
- Vai desejar mais alguma coisa?
- Não, por agora não.
- É um euro e vinte, paga na próxima janela.
- Até já. Beijo!

Como em quase tudo e quase sempre, quando aquilo que desejamos está mais perto o tempo e o espaço parecem alongar-se para lá do que é explicado pela ciência. Só para nos contrariar, testar a nossa vontade, a perseverança.

Sorridente e confiante, não resistia a umas pancadas impacientes no volante. Que se despachasse, que se despachasse, ó da frente!, que não tinha o dia todo mas também não tinha rodas altas para passar por cima. Resmungava sem que isso lhe causasse especial perturbação, suspeitava que a demora estivesse a ser sentida em igual medida pela outra parte, e um bocadinho de saudade intensifica o momento do reencontro.

Foi avançando. Finalmente, estava mais uma vez frente a frente com a sua musa.
Como nas histórias antigas que ouvia aos avós, a janela era outra vez lugar comum que

separava os enamorados. Se nas histórias atirar uma pedrinha era a chave que a fazia abrir para o romântico encontro de olhares, à janela do pagamento apresentava-se como manobra arriscada porque, permanecendo sempre aberta e vista de soslaio por um olho electrónico, a pedrinha poderia consubstanciar crime de agressão comprovada.

- Boa noite, outra vez. É um euro e vinte, por favor.
- Aqui está.
- Não se cansa de andar aqui às voltas?
- Ainda não estou tonto. Ou melhor, talvez esteja, mas não é pelas voltas que dou.
- Então?, é por quê?
- É talvez por me ter trocado as voltas.
- Eu? Trocado as voltas? Nem o dinheiro lhe troquei, que me pagou sempre em conta certa, quanto mais as voltas!
- Ui, ainda por cima tem sentido de humor. E sentido de amor, tens?
- Sentido de amor? Como assim?
- É saber, como diz o outro, se acreditas e distingues o amor à primeira vista ou se queres que passe por cá outra vez.
- Passar por cá outra vez? Não estou a contar, mas julgo que é a terceira vez que por aqui passa no último quarto de hora. - um sorriso denunciava a simulada tentativa de se fazer desinteressada.

O nosso cavalheiro podia não ser original na prosa, erudito no verso, mas sentia-se mais poeta que Camões. E com mais olhos para apreciar as belezas do mundo! Sejamos justos: o que nos devem interessar os textos de poetas e dramaturgos, senão para entreter? Eles que nos contem os seus feitos de amores para além das letras, para a comparação ser justa, porque há quem seja um artista na arte da retórica que depois, na hora h - letra que designa a hora da acção, talvez noutra tempo se tenha escrito haccção -, se remeta a um silêncio de folha vazia. E o nosso Luís, sem arte de Camões nas letras, preferia a inspiração das tiradas já aprendidas e repetidas, nas quais sentia a segurança da experiência, conhecia o resultado prático, o proveito mensurável.

- A que horas sais?
- Não sei que interesse isso pode ter.
- Interessa-me saber a que horas te poderei esperar, para falarmos.
- É o que temos estado a fazer.
- Sabes bem o que quero dizer. Para nos conhecermos melhor, para irmos beber um café.
- E porque é que devo ir beber um café com alguém que não conheço?
- Tens razão, a minha mãe sempre me ensinou que não devemos dar conversa a estranhos. Chamo-me Luís. Pronto, agora já me conheces. – apresentação concluída com um sorriso triunfal.
- Pois é, Luís, ainda assim preciso de tempo para pensar no caso que me propõe, e tempo, agora, é coisa que eu não tenho. Nem o Luís, porque não sei se reparou mas está a empatar a fila que se forma atrás de si.
- Pois é, tenho que ir. Mas eu já volto. Entretanto vai pensando.

Luís avançou e, enquanto empatou a fila, sentiu ter marcado alguns pontos para si. Foi com o ego bem alto, a atrapalhar a aviação, que Luís parou mais uma vez frente ao intercomunicador.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.
- Olá, está a ser uma noite muito boa de facto.
- Ainda bem. O que vai desejar?
- Desejava um café a dois mas, não sendo possível, fico-me por um pacote de batatas fritas. Dos pequenos.
- Engraçadinho, o menino Luís. É um euro, paga na próxima janela.

Luís avançou com o sorriso de quem sente cumplicidade crescente no alvo da sua flecha de Cupido.

- Realmente não tem mais que fazer que dar voltas ao *Drive*.
- Olá. Estou a fazer tempo, à espera de uma pessoa para tomar um café, ainda não sei a que horas.
- E o Luís a dar-lhe! Porque quer tomar café comigo?
- Porque quero. Porque sim.
- E porque devo tomar café consigo?
- Porque eu não vou desistir, e se ficarmos eternamente neste impasse, quando aceitares estou gordo ou falido. Ou ambos.
- Confesso que o Luís tem piada. E acho que o conheço de algum lado, mas não me consigo recordar de onde.
- É engraçado, eu pensei o mesmo quando te vi.
- Esta vai ser uma vez sem exemplo. Saio às onze.
- Isso é daqui a menos de duas horas. Falta pouco, então. Espero por ti no carro, lá fora, a cerca de cinquenta metros da saída. Está bem?
- E vamos a pé?
- Ou vamos no meu carro. Sou de confiança
- Não sei, não sei...
- Vá decide-te.
- Não sei se devo.
- Vá lá... já não há carros à minha frente, tenho que avançar, mas partia mais descansado com uma resposta.
- Não sei, Luís, sinceramente, não sei. Isto é tudo muito repentino, muito estranho.
- Olha, tenho que ir. Não insisto, mas estarei à tua espera. Só te posso prometer que sou de confiança e que estarei à tua espera.

E arrancou.

O relógio digital marcava 23H00. Luís já tinha as calças marcadas nos quadríceps de tanto lhes esfregar as mãos, como que a aquecer as coxas, sem necessidade pelo ameno da noite. O tique nervoso de tremer as pernas, apoiadas na ponta dos dedos dos pés, faziam-lhe os gêmeos doridos. Descontrolava a respiração porque a suspendia quando um novo pensamento lhe surgia, como se para se concentrar numa coisa fosse preciso interromper a outra. Depois, fazia por relaxar: as pernas, a respiração e o pensamento. Mas um novo olhar para o relógio desconcertava a homeostasia que procurara segundos antes.

23H01. O tempo volátil: um minuto é sempre um minuto, mas um minuto de espera parece exponencialmente mais longo que um minuto de amor.

Ainda 23H01. Um minuto não é atraso, nunca se sai a horas, há sempre imprevistos.

A tinta digital continuava a marcar 23H01. Talvez o tempo passasse mais depressa se cantasse a acompanhar o rádio. Cantarolou. Raio da música que nunca mais terminava! E ele já só a acompanhar com um ansioso *na-na-na*, perdendo o olhar para fora do vidro, para o céu, na expectativa de uma boa surpresa na próxima vez que olhasse para o relógio. O compromisso era esperar que a música terminasse e só então ver as horas.

E assim fez: 23H04.

Desligou o rádio. Desligou a chave. Não podia consentir o tormento dos números, em laranja fluorescente, iluminar-lhe os olhos, a lembrar-lhe compulsivamente que o tempo é inexorável, pouco permeável a vontades, porque tantas e tão diferentes as há no mundo que, para a todos ser favorável, suicidava-se em milésimos de segundo o Tempo - o ontológico.

Luís saiu do carro. Caminhou cem ou cinquenta metros. As pernas não se coordenavam no simples movimento de andar. Pareciam arrepiar-se de frio em plena noite de Verão.

Voltou ao carro. Pegou no telemóvel para se distrair e lá estava, também ali, a fluorescência da perseverança do tempo a afirmar em luz: quem manda aqui sou eu e só quero que tenham passado dois minutos, por isso são 23H06.

Entreteve-se o mais que conseguiu e antes de desligar o ecrã não resistiu a consultar o relógio: 23H10. Dez minutos é tempo de espera considerável. Talvez ela não viesse. Talvez o melhor fosse voltar ao *Drive* para confirmar se ainda se encontrava a trabalhar. Não, isso não!, seria sinal de insegurança, fraqueza ou desespero.

Podia sempre entrar pela porta principal e perguntar se já tinha saído. Bolas!, lembrou-se que não lhe havia perguntado o nome. Teria ela reparado nisso? Que impressão lhe teria causado ou deixado? Nem o nome querer saber... Que estúpido!

23H15. Quinze minutos é demais para quem espera pelo que nunca concebera existir e então encontrou, assim, da forma mais prazerosa: o acaso.

Não, ela já não vinha. Um quarto de uma hora é o tempo para anunciar que finalmente não se vai marcar presença. É assim desde o tempo da Escola, quando o toque-de-feriado anuncia aos alunos que podem ir embora porque o professor não vem.

Duas horas de espera para nada. Burro! Nem lhe perguntou se tinha namorado. Se calhar tinha, e para ser simpática ou agradável não o disse. Agora está lá, a entrar no carro do outro, a dar-lhe um beijo de boa noite. E ele aqui, à espera, com sacos do *MacDonalds* com comida fria como companhia: um hambúrguer frio, um pacote de batatas fritas frias, duas tartes de maçã frias e um coração gelado. A *Coca Cola* é que não aqueceu, bebeu-se.

23H19. Agora que pensava nisso, o nervosismo que até então lhe enchia o estômago dissipava-se em refluxo de desilusão, e o espaço vago lembrava-o que sentia fome, que não comia desde a hora do almoço.

Prometeu consultar pela última vez o relógio. Na superstição comum de procurar as medidas arredondadas decidiu: às 23H30 iria para casa. Iria fazer um jantar tardio e ver um bom e longo filme para não mais pensar na figura quixotesca daquela noite. O

MacDonalds seria local a evitar nas próximas semanas. Meses, quiçá.

Depois de uma dolorosa espera rodou a chave, o rádio acendeu: 23H29. Continuou a rodar, agora para a segunda posição, última antes da ignição. Aguardou um pouco, olhos fixos a adivinhar o minuto 30, a ordem de partida. Os números diluíram-se para formar uma nova construção fluorescente: 23H30. A hora limite chegara. Pisou a embraiagem com força, como a esmagar a frustração, abanou a manete das mudanças a sacudir a esperança, e... [toc toc] um bater de dedos contra o vidro. Olhou fulminado ou fulminante: ela sorria do lado de fora.

António Lúcio Soares, 2018
[antonioluciosoares@gmail.c](mailto:antonioluciosoares@gmail.com)